

POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO TEATRO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Autor: Luan Eudair Bridi (luan.bridi@gmail.com) – UFES¹.

Introdução

Este trabalho faz parte de um estudo no âmbito de projeto de extensão na UFES² denominado “O caderno da realidade como instrumento de interlocução e intervenção na comunidade dos estudantes de LEDOC³”, de cujos frutos também faz parte o artigo intitulado “Trajetórias de mulheres camponesas no Espírito Santo: permanências e descontinuidades”⁴.

Esta análise trata-se de um recorte de dissertação de mestrado em andamento e discute questões relacionadas ao teatro na Educação do Campo. Problematiza a docência com o teatro nas escolas camponesas ao dialogar com Arroyo (et. al. 2011), Boal (1997), Reverbel (1997 e 1993), Freire (2002) e Bakhtin (2014) em busca de novas possibilidades didático-pedagógicas. Foram os desafios encontrados ao longo da docência na área de Arte, que nos instigaram a realizar este estudo, em contrapartida à inércia da mesmice em que, muitas vezes, nós professores nos estagnamos. Vale ressaltar ainda (verificamos como professores) que o ensino de Arte, principalmente no ensino médio, acaba engessado aos conteúdos referentes a testes padronizados e avaliações em larga escala⁵, geralmente ligados ao ensino da arte contemporânea e da história da arte. Isso acaba sendo priorizado e, embora lembrado como obrigatório por estar no currículo, o teatro na escola comumente acaba sendo ignorado ou trabalhado de forma rápida, superficial e com temas indiferentes: não dialogados com os estudantes e distantes de seus contextos de vida.

Destarte, torna-se importante ressaltar, inicialmente, a Educação do Campo como agente da transformação social, apresentando-se como importantíssima para a soberania do povo camponês. Mesmo porque, como reforça Arroyo (et., al, 2011, p.14), “a escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, adolescentes, jovens e adultos”, convertendo-se em mecanismo para a luta

¹ Universidade Federal do Espírito Santo.

² O referido projeto, do qual sou integrante, é composto pelos professores (as): Prof.^a Dou.^a Regina Godinho de Alcântara, Prof.^a Dou.^a Miriã Lúcia Luiz, Prof. Dou. Fabiano de Oliveira Moraes, Prof. Dou. Alessandro da Silva Guimarães e a Prof.^a Dou.^a Patricia Gomes Rufino Andrade.

³ Licenciatura em Educação do Campo

⁴ Artigo escrito em co-autoria por mim, Deiviane de Oliveira, minha orientadora Prof.^a Dou.^a Regina Godinho de Alcântara e da Prof.^a Dou.^a Miriã Lúcia Luiz.

⁵No Ensino Médio, encontramos, principalmente, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

campesina. Logo, entendemos que as discussões de Arroyo (et. al, 2011) são fundantes e podem ser discutidas por meio do trabalho com o teatro nas escolas.

Portanto, elegendo tanto o teatro como a Educação do Campo, como processos educativos dialógicos e libertadores, este estudo objetiva analisar as possibilidades e desafios de um trabalho com teatro em escolas do campo que siga ao encontro do desenvolvimento da *consciência crítica* dos estudantes, com vistas a seu posicionamento frente às diferentes questões que perpassam a(s) comunidade(s) em que estão inseridos.

Metodologia

Este estudo é fomentado por livros que discutem teatro, ensino-aprendizagem, linguagem e Educação do Campo. Explora as concepções dos autores, visando o enriquecimento educacional nas escolas do campo possibilitado pelo teatro. Segundo Gil (2002), tal pesquisa é bibliográfica pois

[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (p.44).

Destarte, é importante frisar os livros como rico meio de informação. Os livros são “[...] fontes bibliográficas por excelência” (GIL, 2002, p. 44), que possuem uma importante vantagem: “[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p.47).

Além disso, Bakhtin (2014, p.128) vê o livro como “[...] parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.”, portanto vivo, inacabado, fecundo a ideias e vítima inevitável da crítica e do olhar atento do bom leitor.

Resultado e Discussões

Arroyo (et. al. 2011), discute o campo como lugar ocupado de vida e soberania, posto que a Educação do Campo deve possibilitar “[...] uma educação e uma escola vinculadas aos interesses e ao desenvolvimento sociocultural dos diferentes grupos sociais que habitam e trabalham no campo” (ARROYO, et. al. 2011, p.13). Incluir os excluídos, ampliar

oportunidades, produzir vida e não mortes embasam a concepção dos autores sobre o desenvolvimento socioeconômico deste novo campo (ARROYO, et. al. 2011).

Visando nos aprofundar nos estudos acerca do teatro e nas possibilidades pedagógicas inerentes a ele que sigam ao encontro de uma educação libertadora (FREIRE, 2002) e que respondam aos anseios camponeses, evidenciadas por Arroyo (et. al. 2011), visamos o teatro como *intervenção pedagógica*, reconhecendo-o como manifestação artística transcendida pelas expressões corporais e linguísticas e reconhecendo, também, sua presença no currículo escolar dialogando constantemente com Arte, Educação Física e Língua Portuguesa, bem como sua importância evidente nas escolas e nas comunidades onde elas situam. Reverbel, ao usar o teatro como ferramenta crítica, afirma que

O grupo, ao ler peças teatrais para selecioná-las, deve ser muito sensível para perceber os seus próprios anseios e desejos e também os de sua comunidade. É preciso que a peça atinja os espectadores e que os leve, ao mesmo tempo, a sentir prazer e a refletir sobre seus problemas, não somente pessoais, mas também os de sua cidade, seu país (1993, p. 12).

Além disso, em um contexto teatral, a interação material e imaterial e, conseqüentemente linguística, acontece de forma rica, e é nessas circunstâncias que a criatividade e criticidade são aguçadas, pois, como afirma Bakhtin (2014, p.34)

[...] a (...) consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos. *Afinal, compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos*; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos (grifos nossos).

A expansão de ideias, as concepções do cotidiano e de relações dialógicas diversas permeadas, muitas vezes, por relações de poder e desigualdade vivida nos vários contextos dos povos tradicionais camponeses, podem ser proporcionadas e discutidas por meio da linguagem teatral: adaptação a um contexto diferenciado, temas que dialoguem com os problemas e anseios que perpassam a vida da comunidade local, oportunidade de ser outro na representação da personagem e, conseqüentemente, as falas ligadas a certas circunstâncias específicas. Enfim, tudo isso pode oferecer possibilidades diversas para potencializar o ensino- aprendizagem e entender e discutir a realidade do campo, através do contato crítico com o cotidiano local e outras disciplinas presentes no currículo escolar.

O estudo de textos dramáticos sempre se constitui num momento de descobertas. Os temas são diversos: amor, morte, religião, sexo, poder, miséria, luta de classes, racismo, opressão, entre outros. Qualquer que seja a peça escolhida, o grupo sempre fará um estudo, abrangendo Filosofia, Psicologia, Linguística, Sociologia, História e Política (REVERBEL, 1993, p.12).

Nesse sentido, é também necessário, tratando-se do ser humano (ser pensante, diverso, contraditório e racional por natureza), “[...] supor (...) um certo *horizonte social* definido e estabelecido [...]” (BAKHTIN, 2014, p.116) tendo em vista uma tarefa docente que possibilite a expansão desse horizonte ao reconhecê-lo como ponto de partida, abrindo portas para a criatividade, a criticidade e, conseqüentemente um ensino-aprendizagem que seja realmente significativo para o estudante e para a comunidade onde ele reside.

Conclusão

Partindo da concepção de que “*a consciência individual é um fato socioideológico*” (BAKHTIN, 2014, p.35), o professor, ao trabalhar com o teatro, pode tornar possível o contato discente e do espectador com variados “gatilhos” que sugerem a apresentação, a aproximação e o conhecimento de diferentes horizontes sociais que vão ao encontro dos problemas por eles enfrentados tendo em vista possíveis amenizações. Torna-se primordial, portanto, posto que de acordo com Bakhtin (2014) a interação humana só é explicada no contexto social, entender o teatro como processo fundante para o desenvolvimento crítico discente ao expor a realidade social, econômica e política que dialogam com as vivências da escola e da comunidade que a cerca.

Destarte, o teatro oportuniza que as disciplinas sigam no enfoque dos problemas sociais vividos no campo e, desse modo, discute e reinventa o cotidiano do estudante ao possibilitar e direcionar amenizações e esclarecimentos através do diálogo com *possíveis realidades* e indo além, ao “(...) mostrar as coisas como são, (...) mas (...) mostrar também porque são como são” (BOAL, 1997, p.23). Ainda de acordo com Boal (1997),

O teatro deve modificar o espectador, dando-lhe consciência do mundo em que vive e do movimento desse mundo. O teatro dá ao espectador a consciência da realidade; e ao espectador que cabe modificá-la (p.22).

Compreendemos, portanto, que o teatro pode corroborar com uma Educação do Campo que siga ao encontro dos interesses camponeses, dado que, de acordo com Arroyo (at. al, 2011), o campo possui especificidades, mas relações sociais diversas. A Educação do Campo deve, nesse contexto, subsidiar e fortalecer a autonomia e a soberania dos povos camponeses dentro de um cenário que se traduz, muitas vezes, incapaz de perceber sua importância. Dessa forma, dialogando com Boal (1997), o teatro, como meio de transformação, ganha importante papel em contrapartida a esse excludente cenário.

Ao refletirmos sobre essas importantes observações e analisarmos nossa realidade docente campesina, pudemos concluir que o teatro enseja caminhos que despontam possibilidades de um trabalho pedagógico libertador e crítico. De acordo com Freire (2002), o professor deve ter a leitura de mundo do aluno como ponto de partida para o florescimento da curiosidade crítica, pois a partir desta, acontece a construção do conhecimento e a leitura da palavra. Logo, o teatro, ao dialogar com a realidade estudantil, pode possibilitar esse processo por ser aberto à criatividade e criticidade. O ensino do teatro sugere trabalho pautado na realidade discente que seja capaz de tornar o aluno um ser “[...] espontâneo, vivo, dinâmico, capaz de exteriorizar seus pensamentos, sentimentos e sensações e de utilizar diversas formas de linguagem” (REVERBEL, 1997, p.36).

Tecendo saberes juntamente com Boal (1997), Reverbel (1997 e 1993), Freire (2002), Bakhtin (2014) e Arroyo (et.al. 2011) reconhecemos no teatro possibilidades ricas e dialógicas de trabalho docente, visando possíveis amenizações de inúmeros problemas que o Campo enfrenta. É no âmago dessas possibilidades que este estudo se debruça, cujos caminhos percorridos acreditamos fomentar discussões acerca do teatro na escola e nos inspira a realizar um trabalho teatral docente crítico e significativo que enriqueça o ensino-aprendizagem e dialogue com a realidade dos estudantes do campo.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salette; MOLINA, Mônica Castagna, et al. **Por uma Educação do Campo**. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2014.

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o autor e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: BCD União Editora S.A, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Sabotagem, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar um Projeto de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

REVERBEL, Olga. **O texto no Palco**. Rio Grande do Sul: Membro do Clube dos Editores, 1993.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.